

## EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA TERENA

Vinícius Gonçalves dos Santos (UEMS)

[viniciusgs16@gmail.com](mailto:viniciusgs16@gmail.com)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

### RESUMO

Os empréstimos linguísticos são processos naturais de quaisquer línguas que tenham contato com outras, e fazem parte do seu desenvolvimento. Uma das entradas acontece a partir da necessidade de nomear um objeto não presente em sua cultura anteriormente. No português, vêm ocorrendo, com frequência, empréstimos do inglês, pelo grande contato com a cultura norte-americana, nomeamos conceitos e objetos não antes presentes em nossa cultura, como "Fast food" ou "deletar". Neste caso, temos um equivalente que seria o "apagar", e por razões sociais mantivemos o "deletar", devido ao termo ser muito utilizado no meio digital, impulsiona o uso mantendo assim o termo mais falado. Na língua terena, não é diferente. Pelo contato com os "purútuye" (homem branco), termos novos aparecem na língua. Pelo envolvimento com a cultura "estrangeira", surgem necessidades de nomear animais antes não presentes como "vaka" para nomear "vaca", conceitos antes não presentes como "alúkaxo" para designar o verbo "alugar", entre outros itens de cultura alheia. Por nacionalismo, tendemos a olhar com olhos desconfiados para empréstimos, dificilmente a troca de termos é unilateral. Os empréstimos enriquecem a língua, mostrando o seu dinamismo. Nosso objetivo é investigar as influências do português na língua terena e as marcas deixadas.

Palavras-chave: Empréstimo. Português. Terena.

### 1. Introdução

O empréstimo linguístico é um processo recorrente em qualquer língua natural, ele faz parte de seu desenvolvimento. Uma das entradas acontece a partir da necessidade de nomear um objeto não presente em sua cultura. No português brasileiro ocorre com frequência empréstimos do inglês, provavelmente devido ao contato grande com a cultura norte-americana, nomeamos conceitos e objetos não antes presentes em nossa cultura, como *fast food* ou *deletar*. Neste caso, temos um equivalente que seria o termo "apagar", por razões sociais mantivemos o "deletar", por consequência de o termo ser muito utilizado no meio digital, principalmente no teclado tradicional que mantém a tecla "delete", impulsionando o uso e mantendo assim o termo mais falado. Na língua terena não é diferente. Pelo contato com os "purútuye" (*homem branco*) termos e conceitos novos aparecem na língua. Pelo envolvimento com a cultura

“estrangeira” surgem necessidades de denominar objetos novos, como animais antes não presentes na cultura e cotidiano, como “*vaca*” para nomear “*vaca*”, conceitos antes não presentes como “*alúkaxo*” para designar o verbo “*alugar*”, entre outros itens da cultura alheia. Por nacionalismo tendemos a olhar com olhos desconfiados para empréstimos, dificilmente a troca de termos é unilateral, pois o contato se dá em ambas as culturas. Os empréstimos linguísticos enriquecem a língua expondo o dinamismo da língua. O objetivo deste trabalho é investigar as influências do português na língua terena e as marcas deixadas.

## **2. *Empréstimos linguísticos***

Para entender os empréstimos linguísticos, utilizamos Nelly Carvalho “O léxico de uma língua é como uma galáxia, vive em expansão permanente [...]” (CARVALHO, 2002, p. 30), a partir desta citação, podemos entender a dimensão dos limites do léxico, ou melhor, dos *não limites* do léxico. Nelly Carvalho afirma que as expansões decorrem de experiências pessoais e sociais que uma comunidade de fala convive.

A expansão do léxico não fica só a cargo do contato com outra cultura, há a criação dentro da própria língua que são chamados de neologismos, estes inovam a forma ou o conceito já existente.

Analisando os empréstimos pelo viés da sociolinguística, entendemos os empréstimos linguísticos como um fator social, considerando as justificativas de existência dos mesmos, pura e essencialmente sociais. Por meio da fala de um povo, podemos detectar qual língua à influência e a relação de poder entre ambas, desta forma, “A língua é o testemunho e a prova insofismável do domínio cultural”. (CARVALHO, 2002, p. 37)

Bloomfield divide os empréstimos linguísticos em três modalidades, os íntimos, os culturais e os dialetais. O cultural é derivado de contatos políticos (social, comercial, militar) entre povos, este considerado o tipo mais comum de empréstimos. O dialetal está restrito dentro da própria língua, são as variantes que ocorrem dentro de um mesmo território de falantes de uma mesma língua, que tem uma justificativa mais geográfica de sua existência, os conhecidos jargões. O empréstimo íntimo ocorre com duas línguas convivendo em um mesmo território, que é o caso da língua estudada neste trabalho, temos por exemplo, em Mato Grosso do Sul, cidades em que há falantes de duas línguas, ainda que a língua indígena fique restrita a aldeia, notamos deste contato, que a maior parte dos

empréstimos provém da língua portuguesa, ainda que ambas troquem elementos. É importante ressaltar que geralmente as modificações acontecem no léxico da língua, sendo este um sistema que aceita a expansão, o objeto novo se adapta a fonologia da língua. (BLOOMFIELD, *apud* CARVALHO, 2002, p. 52)

Nelly Carvalho divide este processo em quatro partes:

**Palavra estrangeira → Estrangeirismo → Empréstimos ou Xenismo.**

Sendo assim, a palavra seguirá por dois caminhos, transformando-se em empréstimo, desta forma, sofrendo alterações em sua forma ou ela é aceita da forma em que se origina se tornando um xenismo.

Crystal define os empréstimos em quatro processos: O empréstimo de palavras (*Loan Words*) que consiste em importar a forma e significado, adaptando-a ao sistema fonológico. O empréstimo mesclado (*Loan Blends*), este consiste em importar a significação e uma parte da forma. O empréstimo adaptado (*Loan shifts*), o significado é o mesmo da língua coletada, entretanto a forma é nativa. O empréstimo traduzido (*Loan translations*), consiste em traduzir todos os componentes da palavra, tornando a forma nacional por completa. (CRYSTAL, *apud* CARVALHO, 2002, p. 61)

Entendemos o estrangeirismo como algo da fala, por meio da utilização cotidiana há a incorporação na língua. Este perde a designação de estrangeiro quando tem total incorporação na língua, de forma que o falante não a note como uma palavra estrangeira, por exemplo, a palavra “show” se manteve no português como substantivo ou também como adjetivo. (CARVALHO, 2002, p. 62)

Ainda na conceituação de empréstimos temos dois tipos, os denotativos e os conotativos. Os denotativos ocorrem opor introdução de um objeto ou conceito na cultura, muito comum em línguas indígenas ao entrarem em contato com o homem branco, geralmente estes empréstimos vêm da cultura dominante para a cultura dominada. O empréstimo conotativo cumpre funções de expressividade, sendo um recurso estilístico, a cultura falante adota palavras de outras culturas. (CARVALHO, 2002, p. 74)

### **3. Sobre a etnia**

Falar sobre língua terena, principalmente quando o recorte são os empréstimos linguísticos, requer contar sua história. A língua terena sempre teve contato com outras culturas, desta forma, pode-se considerar a cultura terena receptiva a cultura alheia, nesta troca cultural a língua acaba sendo objeto de troca.

A origem da etnia terena acontece no chaco paraguaio, onde eles tinham contato comercial com outra etnia, os Mbaya, após a guerra do Paraguai, que matou muitos terenas, eles tiveram contato com os povos africanos, nesta época já havia o contato com os portugueses. A etnia terena sempre manteve contato com outras etnias, não há histórico de isolamento cultural.

Em dado momento os jovens terenas eram proibidos de falar sua língua materna, sendo obrigados a falar somente o português, dessa mesclagem surgiram as palavras “aportuguesadas”. (JORDÃO, 2013, p. 2)

Hoje o cenário é diferente, em algumas aldeias existem escolas onde se ensinam português e terena, entretanto, ainda falta incentivo a fala em língua terena, existe o mito de que as crianças que aprendem terena terão dificuldades em aprender a língua de prestígio, tal mito deve ser combatido para que a língua se mantenha existente, as crianças conseguem desenvolver ambas as línguas, mas deve-se ser dado o devido apoio.

### **4. Kalivono 1 E 2**

A gramática mais recente que temos para a língua terena é a *Kalivono*, que pode ser considerada uma introdução a língua terena. Ela não explica diretamente a gramática. O público alvo dessa gramática são os jovens alunos indígenas, ou até mesmo crianças não indígenas que tenham interesse em aprender outra língua, é perceptível no material a real preocupação em transmitir a língua para um público não falante.

Algo que notamos na gramática é miscigenação das duas línguas, em alguns momentos são descritas lendas terenas, em outros temos traduções de músicas e texto de cultura brasileira para terena. No momento em que temos traduções de português para terena atentamos ao fato de haver muitos empréstimos linguísticos, dentre elas, apresento abaixo um dos textos presentes onde além de empréstimos linguísticos, notamos a

influência do catolicismo dentro da etnia.

#### ÉXETINA NÁNA'ITI KÁXE

Enepora xêti koyúhóti ákoti omotóva vitúea yoko motóvone vitúkea ya hána'iti káxe. Ako omótova víyoyea, váukea úti, vipúhíkea vóvoku, kámoke-noyeya akenéti, visúkea tamúku yoko valú'okea tikoti, vo'oku viyá ákonemo áuke'e víyoyea enepo váuka úti, enepo vipuhíkea vóvoku tokópotimo váhere ihunóvoti enepo *vakamókeno* akenéti ákomo *malíka* yónoku enepo visuká ne tamúku koyuhó koetímimo enepo yalu'áka xoko xuve tikóti yokó'okovotimo yane ákomo yáunatipo. Ya *sápatuna aléluya* konókoti vitúkeovo ya *kuaturu ôra* vahíkovoti enepone kalivónohiko ákoti iyukápu isúkoa há'a, enepone áhikeovo ne kalivono kixo'ékoti itúkeovo kohé'exovotimo kónokoamaka yehépo-ke'exeevo ne xuve tikoti: *nâranga*, arâha yane'e enómo há'i.

#### A LENDA DA SEMANA SANTA

Essa história fala sobre o que nos podíamos e não podíamos fazer na semana santa. Não podíamos chorar, gritar, sair de casa, ouvir musica, bater no cachorro ou subir na arvore, porque se chorasse não parava mais, se gritasse, ficava com a boca grande, se saíssemos de casa encontrávamos o espírito do mal, se ouvíssemos musica o som ia além, se batéssemos no cachorro ele falava conosco e se subíssemos na arvore, machucávamos e não sarávamos mais. E no sábado de aleluia tínhamos que acordar quatro horas para tomarmos banho e aquelas crianças que não acordavam apanhavam de seus pais. O banho significava que a criança ficava esperta e também tinha que bater em todas as arvores como: laranja, goiaba, etc. Para dar mais frutos. (SILVA, 2016, p. 23)

Como podemos ver no exemplo acima a lenda da Semana Santa é algo que surgiu do contato da etnia com o catolicismo, entretanto, vemos uma alteração da lenda, as superstições presentes provêm diretamente da etnia. Da parte linguística temos, a princípio, três casos, o primeiro *sápatuna aléluya* é a adaptação de dois termos, *sábado* e *aleluia*, a transformação de ambas acontecem para adequação fonética e para que esteja de acordo com a escrita terena, assim como, *kuaturu ôra* e *nâranga*, em *kuaturu* acontece o empréstimo do numeral *quatro*, anterior ao contato com o homem branco os terenas contavam somente até o numero três, de acordo com a cartilha *Etnomatemática Terenoe*, “Os terenas contavam de três em três, para medir a terra a cada três passos, ficavam em uma taquara para saber o tamanho de suas terras.” (p. 09), sendo assim, após a necessidade de numerais maiores, surge o empréstimo *kuaturu*. O *ôra* é grafado desta forma para que mantenha o padrão de escrita estabelecido pela FUNAI, sendo somente um fonema para cada representação, o *h* de *hora* é imperceptível na fala brasileira, entretanto o *h* em terena tem som de *rr*. *Nâranga* sofre alterações devido a fonética.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Abaixo listo os empréstimos encontrados nos livros *Kalivono 1 e 2*, dentre eles existem casos notáveis.

### **EMPRÉSTIMOS TERENAS** ***KALIVONO 1***

Mbánheiruke	Banheiro
Pástana	Pasta de dente
Símbuluna	Símbolo
Pantaná	Pantanal
Méturuna	Metro
Sesenta	Sessenta
Ndésenhu	Desenho
Lápi <b>hiko</b>	Lápis
Vôgau	Vogal
Sírculaxa	Círculo
Útuburo	Outubro
Njáneru	Janeiro
Mánga	Manga
Mbakati	Abacate
Númeru	Número
Letar <b>hiko</b>	Letras
Mbuneka	Boneca
Kuáduruke	Quadro
Iska	Isca
Ázu	Azul
Figura	Figura
Ngeométrica	Geométrica
Tiríangulu	Triângulo
Retangulo	Retângulo
Mbayeru	Banheiro
Sála	Sala
Varandáke	Varanda
Esportihiko	Esportes
Movimentuna	Movimento
Mayu	Maio
Homenágea	Homenagear

### **KALIVONO 2**

Sétemburu	Setembro
Nóvemburu	Novembro
Mársu	Março
Regísturuke	Registro
Aufabétuna	Alfabeto
a mb k nd eng h i nj l m n o p r s t u z x y nz	
Pírímu	Primo
Sáputuna aléluya	Sábado de aleluia
Ndiferensa	Diferença

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Kebara Kabésa	Quebra-cabeça
Sêmana	Semana
Lúmingu	Domingo
Ike Lúmingo	Segunda-feira (após domingo)
Sáputu	Sábado
Sakola	Sacola
Taránsitu	Transito
Semáfuru	Semáforo
Mbálaum	Balões
Fáixake	Faixa
Tíntake	Tinta
Óituxope	Oitavo
Póuvu	Polvo
Ligexa	Ligue
Vêraum	Verão
Estásaua	Estação
Píki	Pequi
Mbákati	Abacate
Panana	Banana
Vavíra	Guavira
Kâxu	Caju
Nârange	Laranja
Nove	Nove
Legumi	Legume
Fígura	Figura
Vêdurahiko	Verduras
Seréyau	Cereais
Porotêinahiko	Proteínas
Líturuna	Litros
Kilúna	Quilos
Leite	Leite
Minútu	Minuto
Sálake	Sala de aula
Áula	Aula
Mâhom	Marrom
Amarélinha	Amarelinha [jogo]
Foukoloreke	Folclore
Lupísome	Lobisomem
Singu	Cinco
Garafismu	Grafismo

Dentre os empréstimos encontrados no segundo volume do livro *Kalivono*, *kebara kabésa* que vem do jogo *quebra-cabeça*, faz adaptação do nome do jogo como um só termo, temos correspondentes para ambos os termos em terena, para o verbo quebrar: *honó'ekoa*, vi. *Dividir em pedaços, quebrar*. Para o substantivo cabeça: *túti*. *Cabeça dele*. Os autores optam por transmitir o total, não a ideia isolada de cada termo que completa o significado original. Dentre os empréstimos, grande parte acontece para nomear conceitos não antes nomeados, ou que perderam força de

significado.

## 5. Considerações finais

Analisamos o material mais recente em língua terena, o trabalho realizado no livro apresenta um cuidado com a língua terena, há nele uma grande quantidade de empréstimos linguísticos, os textos em sua maioria são de relatos de indígenas e os exercícios ensinam as crianças a língua de seus pais, ao mesmo tempo em que ensinam higiene pessoal, lendas e músicas, tanto da cultura terena quanto da cultura brasileira. Os empréstimos encontrados neste livro, apresentam características conotativas, de forma que os falantes absorvem a palavra estrangeira e a adaptam ao seu sistema fonológico e de escrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JORDÃO, Elinéia. Kouhépuneti: língua e cultura terena: empréstimos linguísticos na língua terena – Coleta de dados – Educação básica - 546 Revista Philologus, Ano 19, N° 57 – Supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CIFEFiL, set./dez.2013. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/57supl/54.pdf>>.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. Recife: Universitária da UFPE, 2002.

SILVA, Denise et al. (Orgs.). *Kalivôno; kalihunoe ike vo'um*: educação infantil indígena terena. Assis: Triunfal, 2016, 2 vol. il.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. *Etnomatemática Têrenoe*.

BUTLER, Nancy Evelyn; EKDAHL, Elizabeth (Bete) Muriel. *Aprenda terena*, vol. 1. Anápolis: SIL, 1979. Versão *on-line* com atualização da ortografia em 2012. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/educ/AprTE-V1.pdf>>.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Aprenda terena*, vol. 2. Anápolis: SIL, 1979. Versão *on-line* em 2014. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/educ/AprTE-V2.pdf>>.

EKDAHL, Elizabeth (Bete) Muriel; BUTLER, Nancy Evelyn. *Explicação da ortografia terena*. Brasília: Sociedade Internacional de Linguística, 2007. Disponível em: <<http://www->

[01.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/TEOrtho.pdf](http://01.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/TEOrtho.pdf)>. Acesso em: 28-10-2016.

OLIVEIRA, Letícia Reis. *Empréstimos linguísticos do português na língua terena*. 2015. Dissertação (de mestrado). UEMS, Campo Grande.

OLIVEIRA, Carolina Pereira de; FERREIRA, Rogério Vicente. Dicionário infantil bilíngue terena: observações e apontamentos. *Entrepalavras*, Fortaleza, ano 3, vol. 3, n. esp., p. 89-101, jan/jul.2013. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/download/173/197>>.